

CULTURA E EDUCAÇÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: O INTERCÂMBIO ACADÊMICO INTERNACIONAL DO PROGRAMA *GLOBAL KOREA SCHOLARSHIP* (GKS) COMO INSTRUMENTO DE DIPLOMACIA CULTURAL SUL-COREANA

Culture and education In International Relations: international academic exchange of Global Korea Scholarship (GKS) Program as an instrument of South Korea's Cultural Diplomacy

Cristine Koehler Zanella¹

Edson José Neves Junior²

Lívia Ribeiro da Silva³

¹Universidade Federal do ABC (UFABC), São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil. E-mail: cristine.zanella@ufabc.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7092-4549>

²Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. E-mail: edson.neves@ufu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0532-5555>

³Universidade Federal do ABC (UFABC), São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil. E-mail: livia.r@aluno.ufabc.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4275-1695>

Artigo Recebido em: 15 abr. 2025 | Aceito em: 12 dez. 2025.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

RESUMO

Ao longo do século 20, aspectos culturais passaram a ser mais mobilizados como parte da estratégia diplomática dos Estados. A internacionalização do ensino, especialmente a mobilidade acadêmica internacional, foi um dos recursos utilizados para promover o interesse nacional, influenciar a percepção de estrangeiros e favorecer o entendimento mútuo com outras nações. O presente artigo analisa o programa *Global Korea Scholarship* (GKS) como instrumento de diplomacia cultural sul-coreana. A partir de revisão bibliográfica e análise documental de políticas oficiais sul-coreanas, argumenta-se que o GKS opera como prática estruturada de diplomacia cultural, contribuindo para o fortalecimento do conhecimento sobre a Coreia do Sul e para o reforço do prestígio do país no sistema internacional, além de agir também numa dimensão mais simbólica e interpessoal. O estudo contribui para ampliar o debate sobre o papel da cultura nas Relações Internacionais a partir da experiência de países não ocidentais no campo da diplomacia cultural.

Palavras-chave: Diplomacia cultural. Coreia do Sul. Mobilidade acadêmica internacional.

ABSTRACT

Throughout the 20th century, cultural aspects became increasingly mobilized as part of states' diplomatic strategies. The internationalization of education, especially academic mobility, emerged as a tool to promote national interests, shape foreign perceptions, and foster mutual understanding among nations. This article analyzes the *Global Korea Scholarship* (GKS) as an instrument of South Korean cultural diplomacy. Based on a literature review and analysis of official South Korean policies, it argues that GKS functions as a structured cultural diplomacy practice, enhancing knowledge about South Korea and strengthening the country's prestige in the international system, in addition to also acting in a more symbolic and interpersonal dimension. This study contributes to broadening the debate on the role of culture in International Relations by highlighting the experience of non-Western countries in the field of cultural diplomacy.

Keywords: Cultural diplomacy. South Korea. International academic mobility.

INTRODUÇÃO

Por muito tempo, a ideia de poder internacional dos Estados esteve atrelada à força militar e econômica desses (Morgenthau, 2003). Contudo, ao longo do século 20, a busca pela pacificação mundial, a globalização e a revolução dos meios de comunicação deram espaço para o surgimento de outros atores no contexto global. Essa dinâmica causou alterações profundas nas relações internacionais (Keohane e Nye, 1973), o que fez com que a política externa dos países passasse a ser determinada por novos fatores. No âmbito doméstico dos Estados, novos atores passaram a contribuir para a elaboração de suas políticas e a diplomacia tradicional também sofreu transformações, dando espaço para o surgimento de uma nova diplomacia pública e para suas ramificações. Baseado na evidência do aspecto cultural a partir do final do século 20, uma das

vertentes que passou a compor a diplomacia pública foi a diplomacia cultural, esfera essencial da política externa pela qual os Estados mobilizam sua cultura em prol da construção de uma imagem internacional do país e na construção de relações com outros Estados (Zanella *et al*, 2024, p. 3).

As práticas incluídas no leque de atuação da diplomacia cultural são abrangentes, e definições amplas do termo incluem nelas “um conjunto de atividades da política externa ligadas à cultura, educação, ciência e, em certa medida, a cooperação técnica” (Bélanger, 1994, p. 422). A educação, então, é uma dessas áreas atreladas às práticas de Diplomacia cultural, a qual tem sido cada vez mais explorada pelos Estados especialmente no que diz respeito à internacionalização do ensino superior.

A internacionalização do ensino superior, especialmente por meio de programas de mobilidade acadêmica, tem sido uma estratégia recorrente de diplomacia cultural de diversos governos, as quais, além de produzirem efeitos no campo do prestígio internacional dos Estados promotores, também produzem efeitos simbólicos e afetivos. Em relação aos primeiros, trata-se de produção e circulação de representações positivas sobre o país, tais como cultura, valores, idioma e instituições, que ajudam a moldar percepções externas. Já os efeitos afetivos referem-se às experiências interpessoais vividas pelos participantes dos programas, tais como vínculo emocional, sentimento de pertencimento e empatia cultural gerados durante o intercâmbio, que contribuem para a consolidação de laços de confiança e admiração em relação ao país anfitrião. Ambos os níveis são fundamentais para compreender a diplomacia cultural como uma prática que atua tanto no plano estratégico quanto no plano relacional.

A educação, portanto, emerge como um vetor estratégico neste século, capaz de articular a promoção da identidade nacional e do prestígio internacional a partir de elementos dos campos material e simbólico, merecendo maior atenção nas análises da política externa contemporânea. Nesse sentido, o presente artigo propõe uma análise mais aprofundada da educação e de sua principal forma de internacionalização, a mobilidade acadêmica internacional, como uma estratégia de Diplomacia cultural. Para isso, faz um recorte específico que considera a atuação do Estado na difusão de programas de bolsa de intercâmbio financiados, em maior parte, com orçamento público, a fim de constatar sua colaboração com os interesses nacionais através do compartilhamento de informações e de conhecimentos culturais.

Nesse recorte, a Coreia do Sul - também referida, a partir de agora, neste texto, como Coreia -, se destaca como um caso paradigmático. Embora sendo uma civilização milenar, o país atingiu o status de desenvolvido pouco tempo após superação de diversos desafios no século 20, a se destacar a colonização japonesa (1910-1945) e a Guerra da Coreia (1950-1953). Atualmente, o país mantém uma posição consolidada no sistema internacional não apenas devido ao planejamento estatal e ao seu crescimento acelerado no período pós-guerra, com foco em inovações tecnológicas, mas também devido à valorização estratégica da educação e maior propagação da cultura sul-coreana a fim de moldar a identidade nacional do país e promover sua inserção internacional (Oh, 2016).

Considerando a experiência coreana com a mobilidade acadêmica internacional como ferramenta de diplomacia cultural, este estudo analisa o programa *Global Korea Scholarship* (GKS), promovido pelo governo coreano, cuja atuação articula os princípios da diplomacia pública e cultural. Para embasar a pesquisa, a análise é fundamentada em referenciais teóricos que delimitam critérios de compreensão de políticas educacionais como parte das estratégias de diplomacia cultural. Através dessa investigação e com a descrição da atuação do programa GKS, busca-se caracterizar o programa como um instrumento da diplomacia cultural sul-coreana.

Apesar de sua longa trajetória desde a década de 1960 e de sua reformulação nos anos 2000, o programa *Global Korea Scholarship* (GKS) ainda é objeto de pouca atenção acadêmica sistemática, sobretudo no campo das Relações Internacionais e da diplomacia cultural. A maior parte das publicações existentes concentra-se em estudos de caso dispersos, relatórios institucionais ou análises sobre a internacionalização do ensino superior, sem uma reflexão aprofundada sobre o GKS enquanto instrumento de política externa e diplomacia cultural. Essa lacuna não se restringe ao contexto brasileiro: mesmo na literatura internacional, observa-se a predominância de estudos produzidos por instituições sul-coreanas, com escassa circulação fora do eixo asiático.

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo geral analisar o programa GKS como instrumento de diplomacia cultural sul-coreana. De forma complementar, se buscará contextualizar o GKS dentro das estratégias contemporâneas de diplomacia cultural, identificar mecanismos institucionais e discursivos pelos quais o governo coreano mobiliza o programa como ferramenta de projeção internacional e discutir de que modo a experiência do GKS contribui para diversificar o debate teórico sobre diplomacia cultural a partir de uma perspectiva não ocidental. Com isso, pretende-se contribuir para o campo das Relações Internacionais, oferecendo um olhar mais abrangente sobre as formas de exercício da diplomacia cultural fora do eixo ocidental.

A metodologia deste estudo é de natureza qualitativa, descritiva e exploratória, baseada em revisão bibliográfica e análise documental. O recorte temporal adotado compreende o período de 2004 a 2025, o qual envolve a criação do projeto *Study Korea* que marcou o início da expansão das políticas educacionais internacionais sul-coreanas e alcança até o cenário mais recente de reformulação do programa *Global Korea Scholarship* (GKS).

A escolha desse intervalo permite observar a evolução das políticas governamentais e a consolidação do GKS como instrumento de diplomacia cultural. Para tanto, foram analisados documentos oficiais emitidos pelo Ministério da Educação e pelo Ministério das Relações Exteriores da Coreia do Sul, bem como relatórios da *National Institute for International Education* (NIIED), comunicados de imprensa e materiais disponibilizados nos canais institucionais do programa. Complementarmente, utilizaram-se dados de organismos internacionais, como o Banco Mundial, para contextualizar o posicionamento da Coreia do Sul no sistema educacional global.

A seleção desses documentos foi orientada por sua pertinência direta ao objeto de estudo, permitindo identificar tanto os discursos oficiais e objetivos declarados do governo coreano quanto as práticas concretas de internacionalização que revelam o enquadramento do GKS como instrumento de diplomacia cultural. Dessa forma, os documentos contribuem para a análise ao fornecer evidências empíricas sobre a forma como o Estado sul-coreano mobiliza a educação como ferramenta de projeção cultural e política no cenário internacional.

CULTURA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS E SURGIMENTO DA DIPLOMACIA CULTURAL

Ao longo do século 20 o mundo se globalizou e se interconectou progressivamente. A partir da década de 1970, esse movimento foi intensificado pelo advento das tecnologias de comunicação e pelos avanços da ciência e da tecnologia, os quais elevaram a produção cultural e seus modos de consumo a um novo patamar. Esse movimento deu origem a novos atores e instrumentos internacionais, agora considerados relevantes para a construção poder no sistema internacional. Nesse contexto, os governos têm atentado para elementos relacionados à diplomacia cultural, aos quais reconhecem potencial para alterar as relações internacionais que estabelecem (Zamorano, 2016).

As principais correntes teóricas das Relações Internacionais concentraram-se historicamente em dimensões materiais do poder. O realismo se esforçou em analisar os aspectos da força militar e da segurança nacional como centrais para a dinâmica do sistema internacional (Morgenthau, 1948). O liberalismo colocou ênfase na interdependência, na cooperação internacional e no estudo de instituições (Keohane e Nye, 1973). O marxismo destacou a luta de classes e a estrutura econômica global (Wallerstein, 1974; Cox, 1981). Nesse cenário, o aspecto cultural foi historicamente marginalizado nas Relações Internacionais, passando a ser considerado mais concretamente como um componente constitutivo das práticas internacionais e das identidades políticas dos Estados apenas no contexto dos anos 1990 (Bleiker, 2001). Nota-se, então, como o elemento cultural foi negligenciado por bastante tempo nas Relações Internacionais, não apenas por profissionais e políticos, mas também pelo meio acadêmico. Isso se dá, pois, a cultura, habitualmente associada a aspectos artísticos, foi historicamente entendida como uma dimensão de menor importância se comparada a questões relacionadas aos poderes militares e econômicos, até então dominantes incontestes da prática internacional e da disciplina (Stelowska, 2015).

Da mesma forma, apenas recentemente a ideia de diplomacia cultural tem conquistado espaço no meio acadêmico e político, acompanhando mais frequentemente análises sobre a diplomacia tradicional. Apesar de seu uso crescente, a noção de diplomacia cultural ainda ocupa uma posição periférica no campo das Relações Internacionais, frequentemente subordinada ao escopo mais amplo da diplomacia pública (Goff, 2022). No entanto, quando analisada mais detidamente, esta pode ser vista como uma categoria analítica autônoma capaz de contribuir para a construção da imagem de um país e da sua relação com outras nações, o que a torna parte essencial da política externa dos Estados.

Ainda que a caracterização do conceito de diplomacia cultural seja ampla e por vezes imprecisa, os próprios termos 'diplomacia' e 'cultura' que o compõem também apresentam definições complexas e multifacetadas. Conforme sintetizado por Zanella, Neves e Silva (2024), ao buscar uma definição para a noção de diplomacia, por exemplo, detecta-se um ramo extenso de definições. Esta pode ser considerada como um conjunto de ações governamentais para o gerenciamento de relações com outros Estados e atores, porém, muitas vezes é associada, ou até mesmo reduzida, ao ato da negociação - elemento-chave para descrevê-la, mas não suficiente (Cervo, 2008; Pinheiro e Milani, 2017; Putnam, 2010). Quanto à ideia de cultura, esta também é multifacetada, podendo incluir a linguagem de um povo, a arte, os hábitos, as prioridades e os costumes compartilhados de geração em geração em determinada parte do mundo. À vista dessas definições amplas, tanto do conceito de diplomacia quanto de cultura, é de se imaginar que a junção destes elementos na concepção do que é a diplomacia cultural também resultaria em uma explicação vasta.

Ainda que conceitualmente tenha formulação recente, a diplomacia cultural tem raízes históricas nos intercâmbios culturais promovidos por comércio, migrações e viagens diplomáticas desde os primeiros contatos entre civilizações (Stelowska, 2015). Sua formalização como prática estatal consiste na mobilização sistemática da cultura — entendida em seu sentido amplo, incluindo arte, educação e ciência — como instrumento de política externa. Segundo Cummings (2003), trata-se do intercâmbio cultural voltado à promoção do entendimento mútuo entre nações. Para Schneider (2003), é uma das formas mais eficazes de difundir os valores e identidades nacionais no exterior. Já para Bélanger (1994) se trata de entendê-la como o conjunto de ações que integram a dimensão simbólica e intelectual da política externa, contribuindo para a construção da imagem internacional dos Estados. Zanella, Neves e Silva (2024, p. 5) propõem, dentro do contexto maior da diplomacia como projeto estatal, entender a diplomacia cultural como “a mobilização intencional de bens simbólicos culturais por atores estatais e não-estatais em direção a outros Estados e povos, com escopos políticos, econômicos, sociais, de identidade, acadêmicos e culturais de natureza diversa, mas reconhecível”.

Diante da pluralidade de definições e usos do termo, este estudo adota uma concepção relacional e estratégica de diplomacia cultural, que reconhece tanto seu potencial simbólico de promoção de entendimento mútuo quanto sua dimensão instrumental como política de projeção internacional. Se matizarmos os aspectos relacionais de poder que Zamorano (2016) estabelece, aproveitamos de sua perspectiva a indicação que a diplomacia cultural pode encaminhar uma instrumentalização de práticas culturais por Estados para alterar percepções e consolidar influência política e simbólica no exterior. Essa definição é aqui articulada à proposta de Zanella, Neves e Silva (2024), que descrevem a diplomacia cultural como uma mobilização intencional (daí a vontade política e a centralidade da tomada de decisão estatal) de bens simbólicos em direção a outros Estados e povos. A partir dessa articulação teórica, compreende-se aqui a diplomacia cultural como um instrumento situado entre a comunicação simbólica e a estratégia política, que serve para promover tanto a imagem quanto os interesses do Estado no sistema internacional.

Esse enquadramento conceitual orienta a análise do programa Global Korea Scholarship (GKS), permitindo interpretar suas práticas educacionais não apenas como ações de cooperação acadêmica, mas como expressões concretas de diplomacia estruturada a partir da cultura e da educação.

A dificuldade na adoção de um conceito de diplomacia cultural e a baixa prioridade em geral atribuída a esta pelos Estados estão ligadas à dificuldade em definir e rastrear quais ações dessa natureza contribuem para o interesse nacional. Em relação às atividades de curto prazo e eventos pontuais da diplomacia cultural, sempre houve métodos para medir o sucesso ou não destes, tais como o número de pessoas que compareceram a um concerto, o feedback do público, a cobertura da mídia ou os comentários dos participantes de uma apresentação de balé. Por outro lado, a principal crítica à diplomacia cultural é a falta de ferramentas que possam medir os níveis de efetividade das ações com esse escopo nesse campo no longo prazo (Stelowska, 2015). Os aspectos econômicos e militares valorizados pelas principais teorias das Relações Internacionais são de fácil comparação, enquanto a imagem positiva e o prestígio, mesmo sendo medidos através de pesquisas de opinião, não providenciam evidências concretas de que a atividade da diplomacia cultural tenha influenciado um ou outro resultado particular. Isso faz com que diplomatas e políticos enfrentem dificuldades em sua atuação, principalmente na obtenção de financiamento direcionados a esse setor devido à falta de provas do impacto da prática sobre o público ao longo do tempo (Stelowska, 2015).

Schneider (2003, p. 3), a partir de experiências dos Estados Unidos durante o século 20, destacou características que a diplomacia cultural deveria ter para ser considerada bem-sucedida. De forma adaptada, mencionamos, dessas características:

- Comunicar algum dos aspectos e valores característicos do país anfitrião, seja a diversidade, liberdade de expressão ou pensamento;
- Atender aos interesses do país anfitrião para que as trocas e a cooperação se estabeleçam de forma eficaz;
- Proporcionar satisfação, intercâmbio de informação e experiências que promovam o respeito mútuo;
- Abrir portas em diferentes setores entre os diplomatas hóspedes e o país anfitrião;
- Fornecer dimensões alternativas à presença oficial do país hóspede no país anfitrião;
- Fazer parte de um ramo maior de ações complementares que representem a busca pelo cultivo de laços de longo prazo;
- Ser criativas, flexíveis e oportunistas no sentido de aproveitar oportunidades promissoras de interação.

Um exemplo dos mais emblemáticos de diplomacia cultural contemporânea é a promoção do K-pop no contexto da política externa coreana. O gênero contribuiu para projetar internacionalmente uma identidade, valores, símbolos associados à Coreia do Sul de forma a despertar interesse pela língua, costumes e produtos culturais do país (Oh, 2016). Um exemplo histórico da mobilização da diplomacia cultural pelas grandes potências pode ser identificado durante a Segunda Guerra mundial e durante a Guerra Fria: a promoção de shows de jazz no Bloco Oriental e as apresentações de balé russo em Nova York são evidências de que ambos os blocos estavam dispostos a mobilizar esforços culturais na "guerra ideológica" em curso (Stelowska, 2015). No contexto desses exemplos de mobilização cultural para fins de política externa é que programas como o Programa de intercâmbio *Fulbright*, criado em 1946, foram lançados e se tornariam uma das iniciativas mais duradouras e influentes de intercâmbio educacional e cultural no mundo (Stelowska, 2015; Bettie, 2014).

Diante ao exposto, é evidente o potencial da cultura como instrumento de política externa e como pode ser abrangente o leque de atividades abrangido pelo conceito de diplomacia cultural. Isso abre espaço para uma exploração analítica mais ampla de práticas menos exploradas, como a internacionalização do ensino superior enquanto eixo relevante desta atuação. É esse exame sobre a mobilidade acadêmica como forma de diplomacia cultural, com especial atenção ao caso sul-coreano, que veremos na próxima seção.

EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE DIPLOMACIA CULTURAL: A MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL

Historicamente, o mundo da educação, especialmente no tocante ao ensino superior e ao marco da criação das universidades, foi construído e considerado simultaneamente como um espaço nacional e internacional. Isso pode ser observado pelo fato de que o intercâmbio acadêmico transnacional sempre aconteceu, se espalhando com a frequente troca de ideias e materiais entre os estudiosos de forma individual ou sendo promovido pelas próprias Instituições de ensino superior. Alguns dos primeiros registros de viagens e encontros de estudantes datam do século V a.C., quando professores - sofistas - viajavam ao redor do mundo grego divulgando seus conhecimentos em troca de dinheiro (Bettie, 2014). Segundo Gürüz, durante os séculos XI e XII, com a criação das primeiras universidades, estudiosos dos mais diversos países viajaram para estes novos centros de ensino em Bolonha, Paris e Oxford (*apud* Bettie, 2014). Na maioria desses casos, a mobilidade era motivada pelo desejo de aquisição ou propagação de conhecimento.

Já na era moderna, este objetivo puramente acadêmico passa a ser complementado por outras motivações. De acordo com Bu, no século XIX, missionários ocidentais circulavam internacionalmente usando a educação como um meio de evangelização na Ásia, América Latina e África, processo geralmente em estreita colaboração com projetos das potências coloniais europeias (*apud* Bettie, 2014). Nesse cenário, a alfabetização era considerada valiosa não por si mesma, mas por permitir que os convertidos aprendessem a ler para que pudessem estudar a Bíblia sozinhos, subordinando o conhecimento local a uma lógica de conversão e submissão

cultural. Segundo Cooper, neste mesmo período, potências coloniais europeias usavam a educação formal como um mecanismo de assimilação dos diferentes povos de suas colônias sob a unidade histórica, linguística e cultural da metrópole (*apud* Bettie, 2014). Observa-se, nessas experiências mencionadas, um grande espaço de afirmação de uma supremacia cultural ocidental.

Com o passar dos anos e no decorrer do século 20, especialmente após a criação da Organização das Nações Unidas, a progressiva integração da União Europeia e o incremento em geral da cooperação educacional internacional, a mobilidade acadêmica passou a ter traços mais horizontais e mutuamente benéficos. As universidades se consolidaram como centros globais de saber e, aliada à valorização de diplomas e formações internacionais, passaram a mobilizar professores e alunos em atividades de intercâmbios internacionais (Teichler, 2017). Neste processo, os intercâmbios acadêmicos se difundiram, fazendo com que não apenas estudantes do ensino superior desenvolvessem o desejo de estudar em outro país, mas também pessoas em diferentes níveis de escolaridade que buscam aprender novos idiomas e conhecer novas culturas. Dentre as razões responsáveis pela geração do interesse dos alunos em estudar no exterior está a possibilidade de entender mais de perto algum campo específico de estudo, ter contato com acadêmicos de renome, usufruir das bolsas de estudo oferecidas pelas instituições ou ainda beneficiar-se da reputação de determinadas universidades. Tais motivações são derivadas de fatores de “atração”, como qualidade acadêmica, prestígio institucional e oportunidades de financiamento, e de fatores de “expulsão”, relacionados ao desejo de crescimento pessoal e profissional ou à limitação de oportunidades no país de origem (Yue e Lu, 2022; Shkoler e Rabenu, 2022; Tokas *et al.*, 2022). Além desses fatores, muitos estudantes mencionam o desejo de conhecer novas culturas - e não há meio mais eficaz para isso do que estar imerso no cotidiano da sociedade anfitriã. A prática da mobilidade acadêmica, contudo, não se restringe aos discentes: docentes e pesquisadores também recorrem a essa experiência com o intuito de realizar ou aprimorar pesquisas, colaborar com outros acadêmicos e difundir conhecimento em contexto internacional (Pokrovskaya e Raitina, 2022).

Dentre as políticas de diplomacia cultural, as interações educacionais transfronteiriças, especialmente por meio de escolas e redes de ensino internacional apoiadas por estados, figuram entre as mais duradouras formas de conexão global entre sociedades (Çelik, 2022). Mais recentemente, como apontado por Personi e Personi (2021), na Conferência Mundial sobre Educação Superior realizada pela UNESCO em 1998, foi defendido que as instituições de ensino superior deveriam estar comprometidas com o desenvolvimento de uma educação de alta qualidade e incentivar uma cooperação internacional que contribua para a ordem mundial e para a construção de uma sociedade melhor. Assim, o intercâmbio educacional se constitui como um elemento crucial no escopo das instituições e deve ser promovido a fim de desenvolver a consciência global dos alunos, produzir pessoas que saibam trabalhar em ambientes pluralísticos, multiculturais e que estejam familiarizadas com as práticas de mobilidade acadêmica internacional e proficiência em línguas estrangeiras.

Apenas recentemente, a partir da segunda metade do século 20, o potencial da mobilidade internacional e sua contribuição nos assuntos de política externa passaram a ser reconhecidos por alguns Estados. Por ter como pressuposto o encontro entre pessoas de diferentes países, os Estados passaram a crer que a interação promovida pelos intercâmbios educacionais tem um grande potencial de geração de um senso de compreensão mútua e boa-vontade entre os viajantes e seus anfitriões (Hanai, 2019; Mathews-Aydinli, 2017; Ruibo *et al.*, 2025). A expectativa criada é de que os estudantes que participam de intercâmbios educacionais ou culturais, além de aprimorarem habilidades acadêmicas já citadas, passem a apreciar mais determinados aspectos da cultura do país anfitrião e estejam mais abertos para conhecer outras culturas. Em adição às suas experiências pessoais, os estudantes compartilham sua trajetória e cultura com outros viajantes e com os membros de sua comunidade ao retornarem para seu país de origem. Deste modo, o conhecimento compartilhado tanto entre os participantes do intercâmbio quanto com suas comunidades pode dar visibilidade a aspectos ainda desconhecidos do país-anfitrião e dos países de origem dos estudantes, favorecendo interações e colaborações de longo prazo (Li; Chen e Liu, 2025; Mauro *et al.*, 2024).

Essa concepção mais moderna de internacionalização do ensino se fez presente e ainda influencia atividades de política externa e diplomacia cultural de muitas nações. Em termos de apanhado histórico de ações concretas dos Estados, em 1883 a *Alliance Française* foi a primeira nação a criar uma organização para promover sua cultura e língua no exterior (Alliance Française, 1883). Já no Reino Unido, a criação do *British Council* ocorreu em 1934, com o objetivo de promover intercâmbios educacionais, exposições culturais e apoiar o ensino da língua inglesa no exterior (British Council, 1934). Por volta de 1938 e 1939, os Estados Unidos instituíram a *Division of Cultural Relations* dentro do *United States Department of State* com objetivos semelhantes aos da organização britânica (United States, 1938). Nessa organização, estudantes, professores, pesquisadores, artistas e outros visitantes culturais foram intercambiados entre os Estados Unidos e a América Latina no período entre guerras na esperança de sobrepor qualquer esforço nazista na região e ganhar aliados (Bettie, 2014).

O progressivo incremento dos intercâmbios internacionais e os desdobramentos das experiências concretas abriram espaço para criação da noção de “Diplomacia do Intercâmbio”, ideia que se refere ao uso do intercâmbio educacional como instrumento de política externa, uma dimensão da diplomacia cultural que se escora nos valores de comunicação interpessoal, compreensão mútua e difusão cultural.

Baseando-se em teorias da psicologia, estudos da comunicação e da política social, Bettie (2014) apresenta três premissas que auxiliam no entendimento de como o intercâmbio estudantil passa de uma simples interação para um possível instrumento de diplomacia cultural. Primeiro, que o contato entre as pessoas na sociedade gera compreensão, contribuindo para o entendimento mútuo e para que as opiniões dos participantes sobre as nações uns dos outros se influenciem mutuamente. Esse encontro de diferentes, seja duradouro ou passageiro, promove uma quebra do imaginário dos estudantes, que, ao conhecer a realidade concreta ou

desconhecida daquele colega, passa a respeitá-la. Segundo, que os participantes do intercâmbio compartilham seus conhecimentos uns com os outros e atuarão como líderes de opinião na sociedade em que vivem ao retornar. Independentemente de qual parte da sociedade o indivíduo esteja inserido, o compartilhamento dos relatos vividos durante o intercâmbio pode moldar a opinião da elite de sua sociedade - ou de outra - e, em última instância, poderá influenciar a opinião pública daquele local. Terceiro, considera a relação entre a opinião pública e a política externa, pontuando que a opinião pública pode influenciar, em diferentes graus, a política externa de uma nação. Das três premissas, a ligação entre a opinião pública e a política externa é a mais frequentemente usada para justificar a “Diplomacia de Intercâmbio”. Porém, todas as três são componentes essenciais que argumentam a favor da eficácia do intercâmbio como instrumento de diplomacia cultural.

Ainda assim, há quem levante o questionamento: por que dentre todas as ferramentas de diplomacia cultural disponíveis, os programas de intercâmbio se fazem relevantes? De acordo com Scott-Smith (2008), é evidente a forma como dos anos 1950 para cá os funcionários do Serviço de Relações Exteriores dos Estados Unidos têm relatado o valor dos intercâmbios como forma de assistência técnica e treinamento - a exemplo do Programa *Fulbright* -, além de os considerarem um dos meios mais eficazes de influenciar a opinião no exterior. Com isso, as duas justificativas utilizadas pelo governo estadunidense para a promoção de intercâmbios se relacionam ao reconhecimento mútuo como algo positivo e que pode contribuir para a redução das fontes de conflito, também se relacionando às intenções políticas de propaganda e guerra psicológica.

Ainda sobre a mobilidade acadêmica como instrumento de diplomacia cultural, alguns autores apontam para o fato de que muitos estudos encontraram evidências que sugerem que o contato em um intercâmbio educacional é capaz até mesmo de melhorar a compreensão e reduzir o preconceito frente a outra cultura (Snow, 1992; Stangor *et al.*, 1996 *apud* Bettie, 2014). Ao descrever os objetivos dos Estados Unidos com a atração de mais estudantes e maior impulsionamento do programa *Fulbright* de mobilidade acadêmica internacional, Joseph Nye aponta:

[...] os estudantes estrangeiros não só preenchem lacunas importantes na ciência e na engenharia, dando aulas para alunos de graduação, por exemplo, e embarcando em pesquisas de ponta, mas aqueles que voltam para casa são gratos por sua educação e muitas vezes servem como *embaixadores informais* deste país. Eles personificam os ideais americanos, criando reservas de boa vontade. (*U.S. Department of State*, 2005, p. 9, tradução própria)

A diplomacia cultural exercida com os intercâmbios culturais e educacionais é defendida também por ser mais pervasiva do que a diplomacia tradicional, considerando o envolvimento pessoal e voluntário dos participantes a partir de um interesse explícito demonstrado na cultura do país anfitrião - ao contrário, por exemplo, das atribuições formais que envolvem o trabalho de um embaixador. Nancy Snow, ex-participante do Programa *Fulbright*, destaca os potenciais impactos dos intercâmbios:

Os intercâmbios forçam a pessoa a confrontar-se a si mesma em relação ao outro e, quanto maior a exposição, maior o senso de como precisamos uns dos outros. [...] Intercâmbios como uma boa propaganda envolvem a defesa dos direitos para os melhores, mentes brilhantes e mais ousadas para que expandam seu conhecimento e compreensão, tornando-se instrumentos não violentos para promover a paz e cidadãos embaixadores da educação global. (Snow, 2020, p. 14-15, *tradução própria*)⁴

Assim, nota-se como essa experiência apresenta um potencial grande de aproximação interpessoal, compreensão mútua e formação de vínculos duradouros. Segundo Istad (2016), os cidadãos comuns também podem ser considerados diplomatas, pois comunicam sua cultura e valores quando em contato com estrangeiros no país e no exterior. Por esse motivo, os laços estabelecidos através dessas práticas são benéficos em muitas instâncias e devem ser incentivados como instrumentos legítimos e com grandes potencialidades dentro de uma política externa voltada à construção de uma imagem positiva e cooperativa no cenário internacional.

A próxima seção analisa o programa Global Korea Scholarship (GKS), promovido pelo governo sul-coreano, como exemplo concreto de mobilidade acadêmica internacional articulada dentro do contexto da diplomacia cultural.

PROGRAMA GLOBAL KOREA SCHOLARSHIP: INSTRUMENTO DE DIPLOMACIA CULTURAL SUL-COREANO

A trajetória da diplomacia cultural sul-coreana reflete transformações profundas na política externa do país. Durante a Guerra Fria, entre os governos de Park Chung-hee (1962–1979) e Chun Doo-hwan (1980–1988), as iniciativas culturais e educacionais internacionais estavam subordinadas a uma política externa de desenvolvimento econômico e legitimação nacional, voltada para consolidar a imagem da Coreia como um Estado moderno e aliado do Ocidente. Nesse período, mais precisamente em 1967, foi criado o *Korean Government Scholarship Program* (KGSP) (Bader, 2016).

Já nos anos 2000, com governos civis democráticos e especialmente durante as administrações de Roh Moo-hyun (2003–2008) e Lee Myung-bak (2008–2013) a agenda “*Global Korea*” ganhou centralidade, reposicionando a diplomacia cultural como instrumento de prestígio e influência internacional. Em 2004 o ‘Study Korea Project’ foi estruturado para atrair mais estudantes estrangeiros. Em 2009, como parte de um plano de ação em 10 pontos estabelecido pelo presidente Myung-bak para fortalecer a marca do país internacionalmente, o KGSP foi incorporado no projeto maior *Global Korea Scholarship* (GKS) (Bader, 2016).

Dos anos 2010 em diante a diplomacia cultural coreana se tornou mais diversificada e estratégica. Particularmente sob os governos de Park Geun-hye (2013–2017) e Moon Jae-in (2017–2022) assistiu-se à promoção da Hallyu (onda coreana) e ao fortalecimento de parcerias

⁴ “Exchanges force one to confront the self in relationship to (an)other, and the more exposure, the greater sense of how we need each other [...] Exchange as good propaganda involves advocacy for the best, brightest and boldest minds to expand their knowledge and understanding. Become nonviolent instruments for waging peace, and citizen ambassadors for global education.”

educacionais Sul-Sul. Assim, o programa GKS não apenas reflete as transformações internas e externas da Coreia do Sul, mas também ilustra a evolução da diplomacia cultural como instrumento de política externa adaptável a diferentes contextos históricos que acompanham desde a legitimação do Estado nas décadas de 1960–1980 até a projeção simbólica e consolidação de prestígio global no século XXI.

Atualmente, diante da centralidade da internet e das mídias sociais nas relações globais, ganha importância uma comunicação mais direta dos governos com públicos estrangeiros como parte estratégica de suas ações de política externa. Por isso, um maior cuidado com a imagem de um país e a organização de eventos culturais para públicos estrangeiros têm sido mais frequentemente utilizados pelos governos, contribuindo para opinião estrangeira sobre o país, mas também para melhorias domésticas, sociais e econômicas. À medida que economias de diferentes lugares se tornam mais interconectadas e a participação da educação nesse processo se expande, os governos passam a investir na educação superior para ampliar os horizontes dos alunos e ajudá-los a entender melhor os idiomas, as culturas e as possibilidades de negócios ao redor do mundo.

Com a fama atribuída aos grandes programas de bolsas de intercâmbio mundo afora, a se destacar o Programa *Fulbright* de Intercâmbio Educacional dos Estados Unidos e o programa europeu *ERASMUS*, países asiáticos também passaram a alimentar seu interesse no setor e a oferecer bolsas de estudo para estudantes internacionais. Exemplos são o *Singapore International Graduate Award*, o *Taiwan International Cooperation and Development Fund*, o *Chinese Scholarship Council* e o *Global Korea Scholarship*. Essa movimentação mostra de forma concreta como o uso da educação como ferramenta de política externa e para fins de diplomacia pública está se tornando cada vez mais intenso com o passar dos anos e como tem sido impulsionado também em eixos não ocidentais (Dirir, 2022, p. 275).

Em relação à experiência sul-coreana, após curar as feridas deixadas pela Guerra da Coreia, o país desejava se integrar mais ao resto do mundo. Em 1967, quando a Coreia já era a 39ª maior economia do mundo em termos de PIB (World Bank, 2017), o governo deu início ao *Korean Government Scholarship Program* (KGSP), programa, a princípio, de pequena escala que representou uma das primeiras ambições do governo em atrair estudantes estrangeiros que tivessem bons desempenhos para o país. Desde sua criação até 2004, o escopo do programa foi limitado e apenas 971 alunos receberam bolsas de estudo nesse período, principalmente pelo fato de que as bolsas atendiam apenas alunos de pós-graduação (Bader, 2016; Ayhan, Gouda e Lee, 2022).

Dentro do contexto de incentivos do governo para a internacionalização do país, as oportunidades de intercâmbio com incentivo público foram reforçadas com a criação do "*Study Korea Project*", em 2004, um projeto iniciado pelo governo com o objetivo de expandir o KGSP e com a meta de aumentar o número de estudantes estrangeiros em geral, até se atingir um total de 50.000 até 2010 (Park, 2004 *apud* Bader, 2016). Esse objetivo foi contemplado com o aumento

substancial de alunos estrangeiros de aproximadamente 17.000 em 2004 para quase 70.000 em 2009, ultrapassando a meta original. O sucesso do projeto fez com que, em 2012, uma extensão deste fosse iniciada, o “*Study Korea Project 2020*”, que renovou as metas para os anos seguintes. Por meio dessa nova fase, o governo intensificou suas políticas voltadas à promoção e à acessibilidade da cultura e do idioma coreanos no exterior. Esse movimento exigiu mudanças estruturais na Coreia, principalmente no que diz respeito ao oferecimento de aulas de inglês, aumento da capacidade nos dormitórios das universidades e ao aprimoramento do acesso a informações e recursos para os estrangeiros (Mest, 2007 *apud* Mergner, 2011).

Foi durante a presidência de Lee Myung Bak (2008-2013) que uma preocupação maior com a imagem global da Coreia se estabeleceu, o que levou a criação de novas iniciativas de política externa pelo governo sob a bandeira da “*Global Korea*” (Bader, 2016). Influenciado por essas ideias e visando o maior reconhecimento internacional da Coreia do Sul, em 2009 o antigo *Korean Government Scholarship Program* (KGSP) foi reformulado a fim de acompanhar o crescimento da importância do setor educacional sul-coreano e dar maior visibilidade ao mesmo. Para isso, o programa passou a ser chamado *Global Korea Scholarship* (GKS), oferecendo bolsas de estudo em maior quantidade e, a partir de então, também abrangendo alunos de graduação (*Ministry of Education of the Republic of Korea*, 2019; *Ministry of Foreign Affairs of the Republic of Korea*, 2016). Essa mudança foi possibilitada pela integração entre o programa antigo e outras bolsas de estudo independentes, que passaram a ser coordenadas pela *National Institute for International Education* (NIIED), organização governamental filiada ao *Ministry of Education* (Korea JoongAng Daily, 2023).

O novo programa abrange modalidades diversas de bolsas de estudo, bolsas de graduação e pós-graduação, bolsas para intercâmbios de curta duração, bolsas para pesquisadores convidados de países parceiros - a se destacar os países da Ásia Central, África e América Latina (países estratégicos do Sul Global) -, bolsas para estudantes autofinanciados e bolsas para estudantes de ciências e engenharia dos países da ASEAN. Dentre essas modalidades, os programas de graduação e pós-graduação configuram o foco principal e de maior proporção do GKS. Com suas bolsas, o programa oferece aos estudantes a oportunidade de realizar estudos avançados em instituições de ensino superior renomadas na Coreia do Sul com o objetivo principal declarado de promover trocas internacionais no âmbito da educação e cultura e aprofundar a amizade mútua entre o governo sul-coreano e os países participantes (NIIED, 2019a; NIIED, 2019b). Além disso, o *Study Korea Project 2020* também menciona que, por meio desse programa, o país busca transformar os alunos participantes em líderes pró-coreanos (Mest, 2012 *apud* Jung, 2020). Percebe-se, então, que o GKS promove a internacionalização do ensino superior sul-coreano e atua como um instrumento de diplomacia cultural ao cultivar vínculos duradouros com potenciais futuros líderes estrangeiros e ao ampliar a influência simbólica da Coreia do Sul no cenário global.

Anualmente, o número total de bolsistas GKS gira em torno de 220 alunos de graduação e 1.080 alunos de pós-graduação, o que pode ser alterado a depender do orçamento governamental

disponível (Niied, 2019 *apud* Jung, 2020). Dentre os benefícios oferecidos pelo governo coreano, além da bolsa de estudos propriamente dita, estão a passagem aérea de classe econômica para a Coreia, assim como a de volta uma vez que o intercâmbio é finalizado; seguro médico; auxílio moradia mensal e custo total de um ano de curso de coreano, mandatário no início do programa para aqueles que não falam o idioma. Os beneficiários do programa que conseguirem demonstrar nível avançado do idioma coreano (nível 4 no *Test of Proficiency in Korean* - TOPIK) antes ou durante o curso introdutório poderão iniciar o programa de estudos mais cedo.

Outro ponto interessante sobre esse benefício é que os bolsistas GKS devem concluir esse ano de curso de coreano em uma instituição de idiomas designada pelo NIIED, sendo essa obrigatoriamente localizada em uma província diferente da instituição escolhida pelo aluno para obtenção de seu diploma acadêmico principal. Portanto, se um aluno escolheu estudar em uma das universidades de Seul, por exemplo, seu primeiro ano de estudo do idioma será realizado em alguma instituição de Busan ou Daegu. Essa estratégia, somada a possibilidade de concessão de um bônus em dinheiro para os alunos que atingirem nível 5 ou 6 do TOPIK, aumenta o contato cultural dos alunos, que passam a conhecer diferentes esferas da sociedade coreana, assim como outras universidades e pessoas de outras nacionalidades, e são motivados a se esforçarem no aprendizado do idioma.

A quantia direcionada pelo governo para a bolsa de estudos é um dos indicadores que demonstra quanto esforço está sendo alocado para a promoção e preservação do programa. Em 2010, o governo coreano alocou até KRW 51,5 bilhões para apoiar os 2.100 alunos bolsistas da *Global Korea Scholarship* (Luguusharav, 2011). No período de 2006 a 2017, o desembolso de *Official Development Assistance* para do setor educacional foi de US\$ 1.979,42 milhões, e o desembolso do ensino superior foi de US\$ 725,74 milhões, incluindo o investimento em universidades, treinamento técnico e gerencial. Entre os recipientes desse investimento, o programa GKS ficou com a maior parte do subsídio (Kexim, s.d., *apud* Jung 2020), evidenciando como o governo sul-coreano se empenhou na promoção do programa após sua reformulação.

Essa maior promoção do programa pela Coreia fez com que o aumento do fluxo de estudantes dentro e fora do programa saltasse e, até 2018, 8.922 estudantes de 156 países já haviam sido admitidos em universidades sul-coreanas com bolsas disponibilizadas pelo GKS (Ministry of Education, 2018). Dentre os países de origem com maiores grupos de alunos que vão para a Coreia estão a Indonésia (3,3%), Vietnã (3,1%), Mongólia (2,7%) e China (2,7%), todos países do Leste Asiático com os quais a Coreia tem laços comerciais estreitos (Niied, 2018 *apud* Ayhan; Gouda e Lee, 2022). Com o crescimento da onda coreana nos últimos anos, e o consequente aumento na curiosidade sobre a Coreia do Sul, em 2025, 1.820 bolsas foram criadas e destinadas a alunos estrangeiros, sendo o maior número registrado até esse momento (GKS, 2025). O aumento na concessão dessas bolsas está atrelado a ambição do governo coreano de estar entre os 10 principais destinos de estudo no exterior do mundo, assumindo a meta de receber 300.000 estudantes internacionais até 2027 através do projeto *Study Korea 300K* (Ministry of Education, 2023; The Worldfolio, 2025). Desta forma, por mais que os números de bolsas GKS ainda sejam

limitadas anualmente, o programa contribui para o crescimento do interesse na sociedade coreana e em sua educação, passando por atualizações contantes a fim de se manter alinhado aos objetivos do governo sul-coreano.

Ao analisar a distribuição global dos estudantes que vão para o país a partir de perspectivas interrogadoras da neutralidade dessas iniciativas (Zamorano, 2016; Mark, 2009; Snow, 2020), revela-se a existência de um direcionamento estratégico que concentra bolsistas em países do Leste e Sudeste asiático, coincidindo com áreas de interesse geopolítico e comercial da Coreia do Sul. Isso indica que não há uma neutralidade nem um universalismo na diplomacia cultural sul-coreana, mas sim um direcionamento para concretização de objetivos de inserção internacional e influência simbólica. A mobilidade acadêmica, nesse contexto, atua para construir nesses espaços estratégicos lealdades políticas, com redes acadêmicas e mentes alinhadas às narrativas nacionais da Coreia do Sul e à disseminação de valores nacionais compatíveis com interesses do país a longo prazo.

Além dos aspectos econômicos, a análise da opinião pública e a postura dos meios de comunicação sobre o programa fornecem uma perspectiva importante para entender os seus resultados. Para entender melhor as intenções e implicações do programa GKS, Jung (2020), examina os comunicados à imprensa a respeito publicados periodicamente pelo Ministério da Educação (MOE) de 2012 a 2019. Nesses comunicados, os temas mais citados são relacionados às expectativas do governo em relação aos alunos do GKS e às características que o governo coreano deseja enfatizar como país anfitrião. Termos como "recursos humanos globais", "talentos pró-coreanos" e "talentos que contribuam para o desenvolvimento de seus países de origem" foram muito utilizados para apresentar essas expectativas, além da ênfase no papel dos beneficiários como uma ponte bilateral entre a Coreia e seus países de origem.

Um ponto curioso é o destaque dado para o desejo do governo em transformar o GKS em um programa de bolsas de estudo semelhante ao Programa *Fulbright* dos Estados Unidos, uma das maiores e mais antigas experiências de financiamento público de bolsas de intercâmbio internacional do mundo (Jung, 2020). Esses dados revelam como o governo sul-coreano utiliza o GKS não apenas como um mecanismo de cooperação educacional, mas como instrumento de uma diplomacia cultural planejada, moldada a partir de programas consolidados e respeitados internacionalmente. No entanto, é necessário reconhecer uma tensão intrínseca a esta ambição: ao buscar construir prestígio e legitimidade internacionais emulando práticas ocidentais, o GKS pode reproduzir lógicas de poder e hierarquias culturais. Adicionalmente, ao buscar formar talentos, lideranças e um público internacional pró-Coreia conforme indicam os comunicados do Ministério da Educação do país (Jung, 2020), nota-se a intenção de realizar uma internacionalização da educação pautada por expectativas de lealdade simbólica e política.

Sobre a experiência dos participantes, muitos acabam estendendo seus estudos no país ou conseguindo empregos na Coreia mesmo, após a finalização do intercâmbio. Outros relatam ter estabelecido relações profissionais com a Coreia por meio do emprego nas embaixadas de seu

país localizadas em Seul, na embaixada coreana em seu país de origem ou por meio da prestação de serviços de tradução para organizações coreanas que operam ao redor do mundo (Varpahovskis, 2022). Para uma análise das percepções dos estrangeiros sobre o programa, alguns feedbacks dos próprios ex-alunos foram publicados em boletins informativos e no site da Newsletter do KGSP, o qual arquiva relatos de experiências positivas de graduados bem-sucedidos que assumiram profissões relacionadas à Coreia ou cargos de liderança em suas comunidades (NIIED Newsletter, 2015). Em uma das cartas, um ex-aluno da KGSP de 1997 enfatiza a necessidade da existência de bolsas de estudo como esta, destacando o benefício mútuo tanto para o governo coreano (pensando numa linha de diplomacia cultural do país) quanto para os beneficiários. Ele diz que:

Esses ex-alunos bolsistas do governo coreano podem desempenhar um papel importante entre a Coreia e seus respectivos países para melhorar as relações políticas, econômicas, culturais e humanísticas. De fato, as pessoas que foram educadas por meio de bolsas de estudo do governo coreano e passaram vários anos na cultura e na sociedade coreanas, até certo ponto, devem ser embaixadores dos bons valores culturais coreanos em seus respectivos países. (Bader, 2016, p. 88, *tradução própria*)⁵

Apesar de seu sucesso, o programa não é privado de desafios. O aspecto competitivo, que é intrínseco à educação sul-coreana, dificulta a conexão entre os estudantes estrangeiros e os estudantes locais, o que pode ser um desafio à criação de relacionamentos e networking (Bailey e Lee, 2020). Além disso, o idioma também é um fator que segrega e limita as oportunidades de socialização dos estrangeiros com os habitantes locais, e a ausência de laços sociais com os habitantes locais durante os anos de estudo pode causar problemas na adaptação dos bolsistas (Varpahovskis, 2022). Entretanto, o governo sul-coreano tem enfrentado esses problemas com o oferecimento de ensino do idioma para os bolsistas, assim como a recomendação da oferta de mais matérias em inglês pelas universidades e criação de setores especializados no auxílio dos alunos estrangeiros.

Baseando-se nestas políticas culturais e educacionais da Coreia do Sul, é notório o empenho do governo sul-coreano no desenvolvimento desses setores e a forma como essa atitude trouxe e traz resultados positivos para o país nas mais diversas áreas. Com o propósito de reforçar o enquadramento do programa *Global Korea Scholarship* dentro da diplomacia pública da Coreia do Sul e apresentá-lo também como uma ferramenta de diplomacia cultural, é necessária a retomada dos objetivos declarados do programa e resgate de algumas definições anteriormente apresentadas ao longo deste estudo.

Relembrando alguns dos objetivos apresentados pelo Ministério da Educação na promoção do GKS, sua meta principal é descrita como a propagação da educação sul-coreana no

⁵ "Such Korean government scholarship alumni can play significant role between Korea and their respective countries to improve political, economical, cultural, and humanistic relationship. As a matter of fact, the people who are educated through Korean government scholarship and have spent several years in Korean culture and Korean society, to some extent, they should be ambassadors of good Korean cultural values in their respective countries."

exterior e o alcance de uma amizade mútua com os países participantes (GKS, 2023). Dessa forma, buscam também a transformação dos bolsistas em embaixadores informais da Coreia, atendendo, assim, as intenções compartilhadas pelo país ou, pelo menos, por uma parte ativa da comunidade pró-coreana no exterior. Com isso, espera-se que os alunos se tornem "uma ponte" entre a Coreia e seu país de origem e que o estabelecimento de uma rede humana global ligada de forma positiva à Coreia seja facilitado, aumentando também o que o Ministério da Educação coreano chama de "valor de sua marca nacional" (Ministry of Education, 2018 *apud* Varpahovskis, 2022). Além disso, o programa é destacado como uma ferramenta para atrair "excelente capital humano" para o país, suprimindo a demanda e o declínio da população ativa na Coreia do Sul.

Estudiosos da área da diplomacia frequentemente descrevem a diplomacia cultural não apenas como uma subárea da diplomacia pública, mas como a principal destas. Alguns autores destacam que entre ambos os termos há similaridade, mas não equivalência, por exemplo, por algumas práticas da diplomacia pública não envolverem diretamente elementos culturais (Mark, 2009). Em suma, se, por um lado, a diplomacia pública compreende todas as iniciativas estatais voltadas à comunicação com públicos estrangeiros para moldar percepções e promover a imagem nacional, a diplomacia cultural, constitui uma vertente dessa prática, centrada na difusão internacional de bens simbólicos, dentre os quais a educação, a arte, o idioma e os valores culturais, objetivando a criação de vínculos afetivos e de confiança entre sociedades.

Desta forma, considerando que a diplomacia pública está voltada a exercer influência por meio da interação com públicos estrangeiros, a internacionalização do ensino e o incentivo de programas de concessão de bolsas de estudos pelo governo representam um esforço em nível nacional nesse processo e se encaixam tanto como prática da diplomacia pública quanto de sua subdivisão, a diplomacia cultural. De acordo com Lee e Snow (2021), dentre as ações de diplomacia pública, os programas de intercâmbio educacional internacional, especialmente os patrocinados pelo governo, desempenham uma função primordial na melhoria do prestígio e da imagem de um país no exterior. Com base nisso, a atual estratégia de política externa da Coreia tem se concentrado fortemente em trazer estrangeiros para o país promovendo intercâmbios linguísticos, culturais e educacionais, consolidando a atuação do país no campo da diplomacia cultural.

Nesse aspecto, a Lei de Diplomacia Pública da Coreia definiu como propósito principal do país a disseminação de uma compreensão dos estrangeiros e aumento de sua confiança na República da Coreia, melhorando assim a imagem e o prestígio do país na comunidade internacional (MOFA, 2016 *apud* Ayhan e Gouda, 2021). Sendo assim, o programa *Global Korea Scholarship* é visto como parte integrante da política de diplomacia pública da Coreia e é intrínseco a ele toda a dimensão cultural que essa circulação internacional de pessoas para o país envolve. Deve-se registrar nesse processo entre as intenções governamentais declaradas, a valorização do conceito de diplomacia interpessoal e dos alunos não apenas como correspondentes às necessidades do governo, mas também como partes interessadas que se beneficiam dessa troca (Bader, 2016, p. 86).

Mais evidências do enquadramento do programa GKS como elemento de diplomacia pública e diplomacia cultural emergem de sua citação no *Diplomatic White Paper* do Ministério das Relações Exteriores (MOFA) da Coreia, especificamente na seção em que são descritas as atividades de diplomacia pública do país, tratando-o como instrumento que promove a cooperação educacional global. Além disso, o Primeiro Plano Diretor de Diplomacia Pública da Coreia também menciona brevemente o GKS como um instrumento de diplomacia cultural no campo da educação, colocando-o como representante de uma expansão da influência política sul-coreana ao assumir metas intermediárias como o aprimoramento dos laços bilaterais por meio da cultura e a facilitação da entrada dos produtos coreanos no mercado global (MOFA, 2017 *apud* Varpahovskis, 2022).

O programa GKS se coloca como um instrumento de diplomacia cultural ao promover o ensino do idioma coreano para todos os seus alunos - requisito mandatário conforme citado anteriormente -, assim como através do oferecimento de sessões culturais pelas universidades e ensinamento dos valores e tradições culturais coreanas ao longo de todo período de estudo dos alunos. Ao considerar a cultura coreana, que possui mais de quatro mil anos de história e se caracteriza por elementos singulares em diversos aspectos, mesmo um contato limitado dos bolsistas com a comunidade local em seu cotidiano proporciona exposições significativas a essas características culturais (Kim e Nam, 2018; Oh, 2021). Tal experiência é reconhecida como um elemento relevante para a diplomacia cultural, uma vez que favorece a compreensão intercultural e contribui para a criação de redes de influência positiva em nível internacional (Bader, 2016; Lee e Kim, 2019). Em adição a isto, o próprio site do programa ressalta sua responsabilidade em "convidar talentos internacionais para a Coreia do Sul e integrar os acadêmicos à cultura e à sociedade coreanas" (GKS, 2023).

Isso se torna ainda mais nítido quando considerado o modelo apresentado por Schneider (2003), com a listagem dos passos a serem seguidos para o estabelecimento de uma diplomacia cultural consolidada, a qual mencionamos na seção anterior. Quando colocado frente à lista da autora, o programa GKS, mesmo que apenas em certo nível e de acordo com os dados analisados ao longo desta pesquisa, aparenta englobar todos os itens citados por ela, principalmente no que diz respeito à comunicação de aspectos e valores característicos do país, ao atendimento dos interesses nacionais e à promoção de respeito mútuo através do compartilhamento de informações. Além disso, deve ser ressaltada a capacidade e eficácia do programa na remoção de barreiras culturais, redução de preconceitos e de estereótipos. Apesar de ser uma experiência com duração delimitada previamente, o programa facilita as interações interpessoais e cria vínculos de relacionamento entre as pessoas, o que resulta em mudanças de atitude e comportamento no longo prazo (Ayhan e Tam, 2021).

Além de seus resultados políticos e econômicos, o GKS também opera em níveis simbólicos e afetivos, fortalecendo o vínculo emocional entre os bolsistas e a Coreia do Sul. Ao proporcionar experiências imersivas no cotidiano e na cultura local com vivências como o aprendizado do idioma, a convivência com famílias e comunidades coreanas e a participação em eventos culturais,

o programa estimula identificações simbólicas com o país e gera memórias afetivas positivas. Esses laços emocionais, muitas vezes traduzidos em engajamento continuado com instituições coreanas ou em defesa espontânea da imagem do país no exterior, constituem um dos pilares menos tangíveis, mas mais duradouros, da diplomacia cultural sul-coreana.

O programa GKS, portanto, é o carro-chefe do intercâmbio educacional de diplomacia pública e cultural do governo coreano. Isso é notável pela forma como o GKS atende aos critérios de diplomacia envolvendo diversos atores e entidades que são operados por várias organizações e que alcançam populações espalhadas ao redor de todo o mundo - a se destacar os países em desenvolvimento. Além disso, o programa é apoiado pela constituição de um investimento substancial em bens públicos, com oferta de bolsas de estudo predominantemente em nível de pós-graduação e totalmente financiadas ao longo de vários anos. Dessa forma, constata-se o valor do programa de mobilidade acadêmica internacional *Global Korea Scholarship*, o qual tem desempenhado um papel fundamental na vida dos estudantes, que em sua maioria não iriam para a Coreia de outra forma (Ayhan; Gouda e Lee, 2022), e gerado frutos notórios para a atratividade da Coreia do Sul e sua cultura.

Deve-se atentar, entretanto, como destaque final, que o GKS, ainda que seja promovido como expressão de cooperação internacional no campo cultural, por sua estrutura institucional centralizada num programa que intencionalmente visa formar uma visão de lideranças e pessoas estrangeiras pró-Coreia, evidenciam a existência de uma inserção internacional claramente dirigida a determinados fins políticos. A partir de Zamorano (2016), podemos também relembrar aqui que a diplomacia cultural pode operar muito mais como um instrumento político estratégico do que como um instrumento de viabilização de trocas dialógicas, como uma leitura dos dados e depoimentos colhidos pelos canais oficiais podem sugerir. Daí a importância de pensarmos também nas implicações problemáticas, especialmente de longo prazo, de iniciativas como a GKS.

CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou analisar o programa de mobilidade acadêmica internacional *Global Korea Scholarship* como um instrumento de diplomacia pública e, sobretudo, diplomacia cultural da Coreia do Sul, subárea da diplomacia pública. Procuramos expandir as análises em torno de elementos culturais estruturantes das relações internacionais e, neste processo, buscamos dar visibilidade a experiências envolvendo iniciativas de um país não ocidental. Preliminarmente, considerando a retomada histórica sobre a internacionalização da educação pudemos entendê-la como um processo complexo, que articula atores de diversas escalas e com diferentes motivações, não se restringindo aos elementos intrínsecos da prática científica e acadêmica. A constituição dessa atividade se mostrou ser um processo profundamente imbricado com as esferas políticas, econômicas, sociais e culturais.

A partir da análise do caminho percorrido pela sociedade coreana com a criação e atualização do programa GKS, pode-se afirmar que ele se enquadra como um instrumento da

diplomacia pública e cultural da Coreia do Sul. Demonstrem isso a utilização do referencial teórico mobilizado no texto para avaliar objetivos, desenvolvimento e resultados do programa, tanto na época de sua criação com a versão inicial quanto após sua reformulação em 2009. O volume de investimentos feitos no GKS e os dados qualitativos relativos à manifestação das intenções governamentais com o programa revelam não apenas o alcance global crescente do GKS, mas também seu papel estratégico na consolidação da Coreia do Sul como um polo de atração educacional e cultural, fortalecendo sua imagem internacional por meio da mobilidade acadêmica.

Quanto à perspectiva para o futuro do programa, considera-se que a continuidade dos investimentos e o fortalecimento do compromisso do governo sul-coreano com os setores cultural e educacional manterão sua posição de importância para a economia e política do país. Além disso, o cuidado em relação às possíveis lacunas que ainda existem ou que venham a surgir no que se refere à experiência dos alunos pode aprimorar a vivência desses bolsistas e potencializar os efeitos desejados de médio e longo prazos na percepção internacional da Coreia do Sul. A garantia da experiência positiva dos alunos é um determinante importante para a avaliação afetiva e cognitiva do país, um pilar central da diplomacia cultural que também revela o quanto programas de mobilidade internacional também dependem da performance da hospitalidade, já que esta influenciará diretamente a percepção externa. Dessa forma, ao manter o controle e qualidade desses aspectos, o programa GKS manterá também sua função de instrumento de diplomacia pública e cultural, contribuindo para a formação de lideranças estrangeiras simpáticas à Coreia e ampliando o interesse estrangeiro pela sua sociedade, cultura e sistema educacional, potenciais geradores de entendimentos mútuos e negócios no ambiente internacional. É inegável, porém, reconhecer que, se por um lado esta abordagem pode ser eficaz em termos de perspectivas institucionais, por outro ela corre o risco de restringir a vivência do encontro cultural ao cumprimento de uma narrativa oficial do país, deslocando o foco da riqueza dos potenciais encontros de diferentes para a mensuração de eficácia de projeção de uma determinada imagem desejada. Aí reside um espaço de cautela a que devem se atentar os analistas e que pode inspirar aprofundamentos futuros de estudos sobre esses programas de mobilidade internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alliance Française. (1883). *Foundation Alliance Française: a network for culture and language*. Paris: Fondation Alliance Française, 21 julho. Disponível em: https://www.fondation-alliancefr.org/wp-content/medias/plaquette_af_web_3juillet_2015.pdf [Acesso em: 18 out. 2025].

Arndt, R. T. (2005). *The First Resort of Kings*. Washington D.C., p. 43.

Aronczyk, M. (2013). *Branding the nation: The Global Business of National Identity*. Oxford, p. 16.

Ayhan, K. J., Gouda, M. (2021). 'Determinants of Global Korea Scholarship students' word-of-mouth about Korea', *Asia Pacific Education Review*, 22, pp. 1-15. DOI: <https://doi.org/10.1007/s12564-020-09648-8>. Seoul.

Ayhan, K. J., Gouda, M., Lee, H. (2022). 'Exploring Global Korea Scholarship as a Public Diplomacy Tool', *Journal of Asian and African Studies*, 57(4), pp. 872–893. DOI: 10.1177/00219096211035800. Seoul.

Ayhan, K. J., Tam, L. (2021). 'Evaluations of people, affection, and recommendation for a host country: A study of Global Korea Scholarship (GKS) recipients', *Politics & Policy*, 49(6), pp. 1292-1307. DOI: <https://doi.org/10.1111/polp.12438>.

Bader, M. (2016). 'Global Korea Scholarship (GKS) as Public Diplomacy', *Korea 's Public Diplomacy*, pp. 81-100. Seoul: Hangang Network Public Diplomacy Series 1.

Bélanger, L. (1994). 'La diplomatie culturelle des provinces canadiennes'. *Études Internationales* 25(3), pp. 421-452. DOI: <https://doi.org/10.7202/703350ar>

Bettie, M. L. (2014). *The Fulbright Program and American Public Diplomacy*. UK: The University of Leeds, Institute of Communications Studies.

Bleiker, R. (2001). 'The Aesthetic Turn in International Political Theory'. *Millennium: Journal of International Studies*, 30(3), pp. 509–533.

British Council. (2025). Our history: the British Council. 1934. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org/en/about/history> [Acesso em: 18 out. 2025].

Çelik, M. (2022). 'International Schools in the Context of Cultural Diplomacy: Actors and New Approaches'. In: AKGÜN, Birol; ALPAYDİN, Yusuf (eds.). *Education Policies in the 21st Century*. Mais: Maarif Global Education Series. Singapore: Palgrave Macmillan, p. 161-189. DOI: 10.1007/978-981-19-1604-5_7.

Cervo, A. (2008). *Inserção Internacional: formação dos conceitos brasileiros*. São Paulo: Saraiva.

Cox, R. W. (1981). 'Social forces, states and world orders: beyond international relations theory'. *Millennium - Journal of International Studies*, 10(2), pp. 126-155.

Cummings, M. C. (2003). *Cultural Diplomacy and the United States Government: A Survey*. Washington D.C: Center for Arts and Culture.

Dirir, K. A. (2022). 'Japan and South Korea 's Implication of Soft Power: Cultural Aspects, Education, and Foreign Aid Diplomacy', *Humanities and Social Sciences*, 10(4), pp. 271-280. DOI: 10.11648/j.hss.20221004.20. New York: Science Publishing Group.

Eagleton, T. (2016). *Culture*. New Haven and London: Yale University Press.

GKS Scholarship. (2023). 'About'. Disponível em: <https://gksscholarship.com/about-gks-scholarship/> [Acesso em: 13 abr. 2025].

GKS Scholarship. (2025). 'GKS Scholarship 2025 Graduate – Apply Now'. Disponível em: <https://gksscholarship.com/gks-scholarship-2025-graduate-apply-now/> [Acesso em: 13 abr. 2025].

Goff, P. (2022). *Cultural Diplomacy*. In: Oxford Bibliographies in International Relations. Oxford University Press.

Hanai, R. (2019). International Exchange and Intercultural Education in East Asia: Toward a Better Mutual Understanding. *Intercultural Education*, v. 50, p. 1-14.

Istad, F. (2016). 'A Strategic Approach to Public Diplomacy in South Korea', *Korea 's Public Diplomacy*, pp. 49-80. Seoul: Hangang Network Public Diplomacy Series 1.

Istad, F., Varpahovskis, E., Miezan, E., & Ayhan, K. J. (2021). 'Global Korea scholarship students: intention to stay in the host country after graduation', *Politics & Policy*, 49(6), 1323-1342. DOI: <https://doi.org/10.1111/polp.12436>.

Jung, H. (2020). 'Exploring the Role of International Scholarships in Higher Education: A Qualitative Research on the Experiences of Vietnamese Recipients of the Korean Government Scholarship', *master's Thesis of Arts in Global Education Cooperation*. Seoul: Seoul National University.

Keohane, R. O., Nye, J. S. (1973). 'Power and interdependence', *Survival*, 15(4), pp. 158-165.

Kim, H.; Nam, S. (2018). Understanding Korean Culture: Implications for International Students. *Journal of Korean Studies*, 23(2), p. 45-62.

Korea Joongang Daily. (2023). NIIED to host year-end ceremony for GKS scholars. 20 dez. Disponível em: <https://koreajoongangdaily.joins.com/news/2023-12-20/national/kcampus/Niied-to-host-yearend-ceremony-for-GKS-scholars/1940533> [Acesso em: 18 out. 2025].

Lee, A. R.; Bailey, D. R. (2020). Examining South Korean University Students' Interactions with International Students. *Asian Journal of University Education*, 16(3), p. 43-58, outubro. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1274323> [Acesso em: 18 out. 2025].

Lee, H., Snow, N. (2021). 'Gendered Experience in Student Mobility Programs - Global Korea Scholarship Recipients' Evaluation of Korea's Country Image', *Politics & Policy*, 49(6), pp. 1343-1358. DOI: 10.1111/polp.12441.

Lee, J.; Kim, Y. (2019). 'Cultural Diplomacy through Education: Experiences of International Students in South Korea'. *International Journal of Cultural Policy*, 25(4), p. 512-528.

Li, X.; Chen, L.; Liu, Y. (2025). An exploratory study of ASEAN students' engagement dynamics with local communities in China, Japan, and South Korea. *Higher Education*. doi:10.1007/s10734-025-01402-6.

Luguusharav, B. (2011). 'Soft Power In The Context Of South Korea', *master's Thesis of Arts in International Relations*. Budapest: Central European University.

Mark, S. (2009). 'Discussion Papers in Diplomacy: A Greater Role for Cultural Diplomacy', *Clingendael*, ISSN 1569-2981. Netherlands: Netherlands Institute of International Relations.

Mathews-Aydinli, J. (2017). *International Education Exchanges and Intercultural Understanding: Promoting Peace and Global Relations*. Cham: Palgrave Macmillan.

Mauro, E.; Manià, K.; Ubels, N.; Holroyd, H.; Towle, A.; Murray, S. (2024). 'Reciprocity in community-engaged learning: A case study of an undergraduate knowledge exchange project in an over-researched urban community'. *Michigan Journal of Community Service Learning*, 30(1).

Mergner, J. (2011). *Internationalization Strategies in South Korean Higher Education: An Explanatory Analysis of the Internationalization Efforts of Four Korean Universities through the Lenses of Resource Dependency and Normative Match*. Netherlands: Center for Higher Education Policy Studies (CHEPS).

Ministry of Education (MOE). (2018). 'Education System'. Disponível em: <http://english.MOE.go.kr/boardCnts/view.do?boardID=265&lev=0&statusYN=W&s=english&m=03&opType=N&boardSeq=75310> [Acesso em: 13 abr. 2025].

Ministry of Education (MOE). (2023). 'Targeting 300K International Students by 2027'. Disponível em: <https://english.MOE.go.kr/boardCnts/viewRenewal.do?boardID=282&boardSeq=96200&lev=0&statusYN=W&s=english&m=0502&opType=N> [Acesso em: 13 abr. 2025].

Ministry Of Education of The Republic of Korea. GKS (NIIED, 2019b). Seul: MOE, 2019. Disponível em: <https://s-space.snu.ac.kr/bitstream/10371/170040/1/000000163353.pdf> [Acesso em: 18 out. 2025].

Ministry of Foreign Affairs of The Republic of Korea. (2016). Global Korea Scholarship, GKS Seul: MOFA, 2016. Disponível em: https://www.mofa.go.kr/cntntsDown.do?path=eng&physic=KJ_NIIED_2016.pdf&real=KJ_NIIED_2016.pdf [Acesso em: 18 out. 2025].

Morgenthau, H. (2003). *A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz*. Editora Universidade de Brasília.

National Institute for International Education (NIIED). (2019a). GKS. Seul: NIIED, 2019a. Disponível em: <https://s-space.snu.ac.kr/bitstream/10371/170040/1/000000163353.pdf> [Acesso em: 18 out. 2025].

National Institute for International Education (NIIED). (2019b) Regulations for Global Korea Scholarship Recipients (Graduate and Undergraduate degree program). Emenda: 14 fev. 2025. Seul: NIIED.

NIIED Newsletter. (2015). 'First Half of 2015 Graduate Send Off Ceremony for KGSP Scholars. NIIED Newsletter, vol. 17. Disponível em: http://hdonair.com/2015_06_niied/int_01.html?#aa01 [Acesso em: 12 jul. 2023].

Oh, S. (2021). 'Soft Power and the Role of International Students in South Korea'. *Asian Journal of Public Affairs*, 14(1), p. 77-94.

Oh, S. Y. (2016). 'Hallyu (Korean Wave) as Korea 's Cultural Public Diplomacy in China and Japan', *Korea 's Public Diplomacy*, Series 1, pp. 167-196. Seoul: Hangang Network Public Diplomacy.

Pessoni, A., Pessoni, R. B. (2021). 'Internacionalização do ensino superior e a mobilidade acadêmica', *Revista do Centro de Educação*, vol. 46, ISSN: 1984-6444. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria.

Pinheiro, L., Milani, C. (2017). 'The Politics of Brazilian Foreign Policy and Its Analytical Challenges'. *Foreign Policy Analysis*, n.13, p. 278–296.

Pokrovskaya, E. M.; Raitina, M. Y. (2022). Academic mobility as an organizational mechanism of intercultural interaction. arXiv preprint arXiv:2203.03615.

Putnam, R. D. (2010). "Diplomacia e Política doméstica: a lógica dos jogos de dois níveis." *Revista de Sociologia Política*, 18(36): 147-174.

Ribeiro, E. T. (1989). *Diplomacia cultural: seu papel na política externa brasileira*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão.

Ruibo, J.; Baer, J.; Casaverde, E. (2025). Educational Exchange as a Strategic Priority in U.S.-Mexico Relations. Center for Strategic & International Studies Commentary.

Schneider, C. (2003). *Diplomacy that works: 'Best Practices' in cultural diplomacy*. Washington, DC: Georgetown University.

Scott-Smith, G. (2008). 'Mapping the Undefinable: Some Thoughts on the Relevance of Exchange Programs within International Relations Theory', *Public Diplomacy in a Changing World*, 616(1), pp. 173–195. US: Annals of the American Academy of Political and Social Science.

Shkoler, O.; Rabenu, E. (2022). The motivations and their conditions which drive students to seek higher education in a foreign country. *Current Psychology*, v. 1–14.

Snow, N., Taylor, P. M. (2020). 'Exchange as Good Propaganda', *Routledge Handbook of Public Diplomacy*. New York: 2nd edition.

Stelowska, D. (2015). 'Culture in International Relations: Defining Cultural Diplomacy', *Polish Journal of Political Science*, vol. 1, issue 3. Polônia: University of Warsaw.

Teichler, U. (2017) Internationalisation Trends in Higher Education and the Changing Role of International Student Mobility. *Journal of International Mobility*, 5(1), p. 177-216. DOI: 10.3917/jim.005.0179.

The Worldfolio. (2025). 'MOE Explains Study Korea 300K Project: Becoming Asia's Talent Hub'. Disponível em: <https://www.theworldfolio.com/interviews/MOE-explains-study-korea-300k-project-becoming-asias-talent-hub/6651/> [Acesso em: 13 abr. 2025].

Tokas, S.; Sharma, A.; Mishra, R.; Yadav, R. (2022). Non-Economic Motivations behind International Student Mobility: An Interdisciplinary Perspective. *Journal of International Students*, v. 13, n. 2, p. 155-171.

U.S. Department of State (2005). 'Cultural Diplomacy, the Linchpin of Public Diplomacy: Report of the Advisory Committee on Cultural Diplomacy'. Disponível em: <https://2001-2009.state.gov/documents/organization/54374.pdf> [Acesso em: 12 fev. 2023].

Uehara, A., Belini, L. S. (2020). *Jogos olímpicos Tóquio 2020 e o Soft Power e Nation Branding do Japão*. São Paulo: Fundação Japão em São Paulo.

United States. (1938). *Foreign Relations of the United States, 1917-1972 – Public Diplomacy, 1964-1968*. Washington: U.S. Government Printing Office, 1968.

Varpahovskis, E. (2022). 'Thousands of Dormant Ambassadors: Challenges and Opportunities for Relationship-Building between Global Korea Scholarship (GKS) Recipients and South Koreans', *Journal of Contemporary Eastern Asia*, 21(1), pp. 1-32.

Wallerstein, I. (1974). *The modern world-system I: capitalist agriculture and the origins of the European world-economy in the sixteenth century*. New York: Academic Press.

World Bank. (2017). *GDP (current US\$) - Republic of Korea*. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?locations=KR> [Acesso em: 15 jun. 2023].

Yue, Y.; LU, J. (2022). *International Students' Motivation to Study Abroad: An Empirical Study Based on Expectancy-Value Theory and Self-Determination Theory*. *Frontiers in Psychology*, v. 13, art. 841122.

Zamorano, M. M. (2016). 'Reframing Cultural Diplomacy: The Instrumentalization of Culture under the Soft Power Theory', *Culture Unbound*, vol. 8. Suécia: Linköping University Electronic Press, pp. 166–186.

Zanella, C.K; Neves Junior, E.J; Silva, L.R. (2024) 'Cultural Diplomacy and Soft Power: critical analysis and methodological application', *Revista Brasileira de Política Internacional*, 67(1), Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7329202400112> [Acesso em: 04 nov. 2025].